

GLORIA GROOVE E O CABARET EM QUEDA

Gloria Groove – The fall of the cabaret

Linhares, Adriane de Paula Majczak, MSc. UNISINOS / UNICURITIBA. adriane@yahoo.com¹

Resumo: A criação estética em direção de arte realizada no vídeo musical de Gloria Groove para a faixa *A Queda*, de 2021, dirigido por Felipe Sassi, constitui uma peça cultural em Moda e Audiovisual. O *Costume Design* e a concepção de teatralidade e gestual, apresentados no vídeo, aliados à composição de musical em letra e melodia, são o objeto de reflexão deste artigo. A cinematografia e suas referências, como as séries de Horror Pop como *American Horror Story* e cineastas *dark* como Del Toro e Tim Burton são inclusas para análise da direção de arte e três figurinos, com fundamento em autores da Estética e Teatralidade, como Henri-Pierre Jeudy e Phillip Hallawel, entre outros.

Palavras chave: Moda; Gótico; Cultura Pop


Abstract: The aesthetic conception of the musical vídeo for the track *A Queda* (2021), by Gloria Groove, directed by Felipe Sassi, is the main object this research. More specifically, its *Costume Design*, theatre traits and acting are the focus, all in resonance with the lyrics and melody for the song. The Cinematography and Art Conception, with references in the Grand Guignol Theatre and series as *American Horror Story* have been observed, as well as the influence by dark-style movie directors such as Del Toro e Tim Burton. Aesthetics authors Henri-Pierre Jeudy e Phillip Hallawel, among others, have been chosen as the basis for the theoretical reflection for the conception and three outfits, specifically.

Palavras chave: Fashion; Gothic; Pop Culture

Introdução

O clipe musical de Gloria Groove para a faixa intitulada *A Queda*, de 2021, dirigido por Felipe Sassi, causou impacto. Provocativo, teatral e com nuances de diversão *dark* no mundo do circo, dos antigos *peep shows*, trouxe a riqueza de um universo em cultura alternativa da estética *Camp* em um universo noturno contemporâneo *queer*, um tanto gótico e bastante cosmopolita, posto que traz referências enriquecidas pelo crossover em culturas brasileira, norte-americana, anglo-saxã e, também, oriundas de um

¹ Mini currículo do primeiro autor, máximo 3 linhas




universo ficcional reconhecível pelos fãs e aficionados em cultura pop do estilo gótico na cultura pop. A partir da referência de séries televisivas como o American Horror Story, com seu Horror Pop de alto impacto narrativo visual, do timing ácido da edição de Big Brother 2021, e da pertinência estética do cinema de Guillermo Del Toro e de Tim Burton, além do Teatro Grand Guignol, percebe-se um alinhamento da obra de Felipe Sassi com o teor discursivo das letras de Gloria Groove e de sua abordagem em Moda. A obra é complexa, multicamadas de sentido, e provoca o olhar de pesquisa em um cenário que já se autodenomina apocalíptico: A Queda.

No processo de estudo das Estéticas disruptivas do *Dark*, do *Camp* e das subculturas urbanas brasileiras no Brasil, onde a chamada cena *emo* encontra forte aderência, a pesquisa em Gloria Groove chega ao olhar do esteta contemporâneo como um manancial de referências e reflexões onde a obra do cineasta Zé do Caixão e a cena pop dos anos 2000 foram igualmente importantes e foram consideradas, bem como a pesquisa em Moda e Visagismo com ciência da visualidade corporal. O corpo é arte, a voz uma arma, a letra um gatilho, e a música, um espelho de uma sociedade complexa e midiática. Em tempo, a sugestão de que houvesse a pesquisa sobre Gloria Groove chegou até os olhos desta pesquisadora por meio de mensagens enviadas pelo WhatsApp e papos entre amigos – dentro e fora da área de Pesquisa. Gloria convida à *Dança dos Vampiros*, ao *Rocky Horror Show*, enfim ao Cabaret da Queda: a pesquisa sobre a Queda surgiu como o vídeo invadiu as casas, os *streamings*, e os celulares de todos. Um convite a destrinchar uma obra riquíssima, uma oportunidade de repensar conceitos.


1. Nome na lista: entrando no Cabaret com autores e metodologia

Em especial, destaca-se que a pesquisa se desdobrou em três dos costumes do vídeo clip: o Mestre Equilibrista, a Vampira Rainha, e a rainha do Gueto, assim intitulados para fins didáticos. A pesquisa se desdobrou, também, de modo triádico, a nomear: o campo do design de Moda, com questões de corpo e vestuário, primeiramente como identidade e como objeto de arte e de comunicação em Costume Design. Então, a consonância deste vocabulário às letras e referências do processo da cultura pop em estética *dark*. Em seguida, e finalmente, à pertinência da composição toda ao processo de cinema empregado na escolha do figurino. Deste modo, pareceu mais didático incluir, primeiramente, referências apresentadas em uma



miríade de visuais e *outfits* durante o tempo filmico do *clip*, seguida, da análise da concepção criativa de Figurino para peça de audiovisual musical, em alinhamento com a criação de cenografia e ambientação cênica com abordagem cinematográfica.

Na esfera musical, a pesquisa frutificou frente a constatação da presença da influência de artistas da cena 2000 como *Evanescence*, em termos de musicalidade, enquadramento cinematográfico, além de questões de gestual e de teatralidade para artista musical em vídeo clip. A investigação surgiu, em parte como fruto do Grupo de Pesquisa Cult Pop, como resultado de leituras e estudos realizados durante curso de Doutorado em Comunicação, com foco nos estudos da Moda e do Gótico como Estética e Filosofia da Arte. Tais estudos contribuíram para o arcabouço técnico e para a motivação de reflexão em pesquisa, devido imensa popularidade de Gloria e sua carreira musical e audiovisual junto ao alunado do Grupo de Pesquisa em Estética da Comunicação - CNPq. O Gótico, presentificado nas subculturas urbanas por meio da cultura pop, é ressaltado por elementos visuais e discursivos nesta peça cultural, e se reinventa por meio da culturalidade latino-americana e brasileira, e também ficcional, além mares. A partir destes estudos, houve a decisão de realizar que incluísse reflexões e análises com viés em Direção de Arte, com possíveis abrangências e teores reflexivos. Em um processo triádico em Semiótica e História da Arte e da Literatura, em conjugação com teorias de área de estudo em Doutorado e sua relação com a composição visual, a análise vê a criação musical, visual e discursiva como um todo, com base nas Estéticas Clássicas, Cultura Visual, Costume Design e Cultura Pop, com Platão, Hegel, Nietzsche e Burke, sobre o Belo, o Sublime e o Trágico e o brasileiríssimo Ariano Suassuna a integrar suas visões estéticas. Juntamente com Teorias da comunicação de Adriana Amaral e Beatriz Polivanov, autores da Moda e do Cinema foram essenciais para compreensão destes fenômenos visuais, midiáticos e repletos de pistas sobre tempo e iconização, como Jeudy e Hallawel. Criativamente, um processo de leitura comparada foi complementar à análise e auxiliou na percepção de completude de adereços que, na pós-modernidade, quebram protocolos de temporalidade ou de aderência conceitual, divergindo para convergir em um novo estilo, único e, embora referenciado, pleno de ineditismo. O processo de construção da atmosfera estética de *A Queda* é, enfim, apresentado, nesta pesquisa, como uma obra pop de discurso visual e textual que alia linguagem visual e linguagem cênica, enriquecido pelo enquadramento de seu lançamento em um momentum em streaming e na luz de uma construção discursiva narrativa em moda, música e cinema.




2. Abertura : Abrindo os trabalhos

Respeitável público, um show tão maluco
Essa noite vai acontecer, aqui a gente vai armar
Um circo, um drama com perigo
E nessa corda bamba quem vai caminhar sou
eu

O cabaret se abre, e a porta jamais se fecha: pague para entrar, reze para sair, como o título do antigo filme de terror *trash pop*, e “garanta seu ingresso pra me ver fazendo *merda*”, diz Gloria. O convite é explícito na comunicação, e vem dos antigos e odiosos *peep shows* e, para muitos fonte de inequívoca atratividade. Vale o olhar do espectador, das legiões de comentaristas online, da interação e do deleite das plateias de diferentes que se sentem, afinal, vilões e protagonistas de um show onde nada será jamais despercebido.


A abertura mostra uma bela tipografia ao centro. Chamada de Tipografia Decorativa, o título está em display em amarelo, com sombreamento e em fundo avermelhado com iluminação central. A cena é de um espetáculo circense. Em seguida, o letramento com o nome de Gloria se posiciona acima, em tipografia estilo caligráfico, que se refere ao universo cultural do pixo: a atmosfera é então estabelecida, para que a protagonista se posicione ao centro da tela, onde o som começa com um chamado ao público. A narrativa será divertida, e sombria, por conta do design ficcional criado para o filme de 3m10s.

Para Ellen Lupton, em seu livro *Design Storytelling* (2020), a narrativa de uma obra é a criação de uma atmosfera sociocultural específica; para a autora, contar histórias e transmitir mensagens depende de um universo visual e pleno quando se trata de design ficcional: a autora divide a criação em atos de abertura, ação, emoção, sensação e resultado. No clip, a atitude de invasão cultural que tira o indivíduo de uma certa normalidade e ordem é estabelecida pela tipografia. O tom baixa saturação, no espectro do vermelho ao vermelho sangue, às bordas do campo audiovisual, estabelece, na mesma forma, um cenário especial para promover experiências estéticas especiais. Como afirma Lupton (2020, p. 9-13), o design ficcional apoia a psicologia da percepção, a experiência e a possibilidade de imaginar, criar ou seguir uma história, em todo objeto visual criado. As histórias, afinal, em *storytelling*, “dependem da percepção humana também”, que é um “processo dinâmico que cria ordem e significado” (*idem*), e do qual cor e forma são peças chave. Esse



processo é contínuo e se estende ao longo da trajetória filmica, guiado pela direção de arte e design ficcional apresentados em com, cor, forma, vestuário, e todos os elementos que compõe a produção. Para Vera Hamburger, a Direção de Arte do Audiovisual tem o sentido de extrapolar, mesmo, a normalidade. O chamado “padrão de beleza”, o “belo” cinematográfico está ligado a conflitos visuais que tornem a imagem instigante a ponto de envolver o espectador naquilo que vê” (HAMBURGER, p. 19, 2020). O projeto de um audiovisual ficcional, é, então, composto em um tripé de criação de um “universo visual, rítmico e sonoro especial, que ofereça ao espectador a vivência de uma narrativa” (HAMBURGER, p. 18, 2020). Assim, a proposta tipográfica, de cor e som, nos primeiros 10 segundos de clip, já oferece ao público um convite a um show. O nome da cantora, em pixo, simboliza uma estética que polemiza e se apropria de algo criminalizado mas também utilizado por artistas como expressão e apego a uma esfera urbana, como sinaliza Porto (2022), no sentido do “caráter urbano, transgressão, juventude a uma peça ou produto” ainda que sob o risco de acusações de comodificação ou apropriação cultural. O convite e a informação de transgressão já são estabelecidos e o espetáculo abre com o Mestre de Cerimônias convidando o espectador como o faria em uma plateia ao vivo: em posição centralizada, em tipografia especial, em protagonismo de plano central. A voz inicia com o notório chamado: “rrrespeitável publico”, com erre pronunciado. O clima mistura cinema e circo e a sensação de que o mundo passa a ser dramático. Adereçar-se aos cidadãos em seu sofá ou em seu *instagram*, e oferecer a ele a possibilidade de viver algo mágico é irresistível: mas ele é avisado, de primeiro momento, que o show não será leve, a partir do momento em que se vê a figura central e seu figurino são apresentados. Ele não está confortável, mas desbocha de todas as variantes que sua composição em costume design mostrará. Referências ao TV show American Horror Story são evidentes, com listras em preto e branco, dualidade da sombra e da luz, dualidade do bem e do mal. Ora, não é sobre isso que a música fala? Estar exposto e expor mostra uma construção alinhada ao *dark* que considera a dicotomia morte e vida, noite e dia, muitas vezes expressa nas cores branco e preto, como parte integrante dos universos estéticos que nos compõe. Ainda, o mundo dicotômico estético da Beleza, e Não-Beleza também nos compõe, como sociedade cultural.

Figura 1: Tipografia de abertura ao Cabaret





Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BpxrvcYDnf4>

3. A Corda Bamba: Mestre e Equilibrista


Figura 2: Respeitável Público – O Mestre de Cerimônias



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BpxrvcYDnf4>

O audiovisual de fantasia comumente quebra protocolos de temporalidade ou de aderência conceitual, divergindo para convergir em um novo estilo, único e, embora referenciado, pleno de ineditismo. Some-se ao fato de que o processo de teatralização =, gestual e uso do corpo, segundo Jeudy, passa a ser um espetáculo, o uso do gesto em corda bamba é particularmente – e especialmente – subvertido em uma troca de papéis que ocorre durante a trajetória. O equilibrista, em um circo, não é o mestre de cerimônias – mas aqui, é. O protagonista midiático será julgado, criticado, acusado e, portanto, instável, como a fama, com a mídia, como o universo pop. Essa é a chave da arte para o processo de *costume design* e *acting* de A Queda. Segundo Henri-Pierre Jeudy (2002), em O Corpo como Objeto de Arte (2002), a chave do processo artístico envolve a exibição do corpo e imaginário evocado está relacionada à representação e seu potencial de especularização. A partir do questionamento de Deleuze, ao tentar responder à pergunta “o que pode o corpo?”, o sentido da arte que envolve o corpo e a moda é desenvolvido por meio da exibição e da “exacerbação dos possíveis”, ou seja, há o potencial de ultrapassar o corpo real enquanto limitado, e atingir a ilusão, ou a ficção, como um território do ilimitado, inerente a todo artista. Ainda, o corpo exibido se torna uma representação congelada, e cria um *estereótipo* reconhecível, compreendido como algo que o autor chama de *modelo*. Este modelo, ou *template*, pode ser criado, fotografado, filmado e atuado, ou seja, pode ser reverberado e especularizado em um movimento *ad eternum*, um *mise-em-abyme*. Este modelo de arte passa, pois, a ser midiaticizado a partir do exercício de um imaginário de origem. Ele, pois, cria um mestre equilibrista, um mestre sob a égide dos antigos freak shows, onde ele encara o público gesticula, encara, posiciona e olha para a câmera com lentes fantasmagóricas e sombrias à la Marilyn Manson e as bandas de *cybergoth*, relativo ao não-humano. Para Silvana Holzmeister, a alusão ao não-humano pode ser representada por meio de trazer uma espécie de susto no espectador, ao trazer questionamento sobre o quanto de “humano há no ciborgue” (2010, p. 65) e em seu *cyber body*, e também de, a partir desta remodelagem de corpo, o quanto estamos intrinsecamente ligados à artificialidade da vida e isto é, hoje, o nosso natural (*idem*). Ainda, como temos ou somos um corpo em construção e, em especial na representação de Gloria em A Queda, afinal, este possa ser um modo de representar nosso questionamento de identidade e de subjetividade no meio contemporâneo : não humanos, ou pós-humanos (HOLZMEISTER, p.82, 2010).

O figurino transpõe luxo, o veludo era um tecido reservado a poucos, à aristocracia e à realeza. O vermelho, um tingidor inacessível e os chapéus de tipo alto, como as cartolas, objetos de respeitabilidade e



posições de poder. O batom manchado, as lentes incômodas, os brincos diferentes em cada orelha mostram que algo está fora de ordem, fora de equilíbrio nesta corda bamba metafórica: estes elementos se referem à estranheza: a não normalidade que incomoda, mas que Silvana Holzmeister cita como o Estranho Familiar de Freud: “o *unheimliche*, o sinistro ou estranhamente familiar” (2010, p.61) que parece extraordinariamente contemporâneo e que fascina, ao se opor ao seu antônimo *heimlich*, que seria o “intimo, familiar doméstico” (*idem*). Este conceito é especialmente relevante no universo darkwave, onde criaturas sobrenaturais habitam o imaginário literário e visual: fantasmas, espectros e, naturalmente, vampiros.

4. A Vampira ou a Rainha de Copas

Figura 3:A Dracula de Bram Stoker




Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BpxrvcYDnf4>

Na narrativa de A Queda, seres midiáticos, sejam estes: estrelas de cinema, cantores, influencer ou *big brothers*, ou, ainda, qualquer um que coexista na rede social com um “respeitável público”, passa a ser, mesmo, um não humano, um ser surreal, um ser sobrenatural. As figuras do circo, os integrantes do espetáculo, e as celebridades midiáticas passam a ser representadas por figuras sobrenaturais. O mundo

gótico expressa o sobrenatural como expressão de alteridade – de diferença, seja na esfera do sentir ou das parcelas socioculturais que se sintam excluídas, expostas ou integrantes de minorias. A figura do vampiro, possivelmente resgatada na referência do cinema de Francis Ford Coppola, no filme *Dracula* de Bram Stoker, chega envolta em tules e véus, tez branca e sobrancelhas altas, na empoadada maquiagem da aristocracia, que remetem, também, à Rainha de Copas na obra de Alice de Tim Burton, a partir de Alice no País das Maravilhas. A realeza europeia e suas perucas, símbolo de poder e de riqueza, a partir do modelo ditado pelos reis Luis XIII e Luis XIV, o Rei Sol, na França, iniciaram no século 16, segundo Kwass (2006), mas perduraram ainda por dois séculos e meio como item de ostentação reservado a uma classe social plena de superficialidade e de medo de envelhecer e de parecer diminuído em esplendor – em público. Enterrados comumente com suas perucas e cobertos de talco, a aparência ainda disfarçava sinais de sífilis ou doenças de pele (*idem*). Os rolos, acima da cabeça, traziam o efeito do chapéu: conexão, complexidade e prestígio. A maquiagem com as sobrancelhas arqueadas e *rouge* pronunciado era acessível apenas pela nobreza, pois os pigmentos vermelhos, o lápis preto e o talco de sílica branco eram caríssimos – com versões mais acessíveis sendo produzidas em meio ao incentivo ao consumo. Perucas de materiais acessíveis, pó-de-trigo, enfim, passam a ser produzidos e revolucionaram o consumo - em especial, em esfera de produção parisiense. Ao pensarmos sobre os tempos atuais com o consumo de mega hair e perucas drag-queer, e em corte inglesa, ainda são itens utilizados para uma construção de identidade em duas mãos: para si e para o outro, num processo de construção em duas mãos – dois ethos: o eu, o outro.

Outro item especial – as *stockings*, à mostra, eram confeccionadas à mão e item especialmente masculino em pele de animal ou lã pura, à mesma época da peruca. A cinta liga e o corpete – vermelhos - à mostra, revelam intimidades profanadas e expostas por meio da lingerie por cima, como outfit principal. Entretanto, com a reflexão sobre o corpo de Jeudy, é importante sinalizar que quem exhibe o corpo, o teatraliza e exhibe na intenção de eternizar e especularizar um eu eterno, por um momento (JEUDY, 2002).

Segundo Holzmeiter, o exercício do olhar a moda é no espelho “de uma realidade, onde o espetáculo fashion funciona como um gatilho sensível para pensar essa mesma realidade a partir de subjetividades e exageros”(HOLZMEISTER, p.91, 2002) que trazem noções de choque, de gosto restritivo e de provocações ao olhar em nichos específicos – o grande público, o público underground, ou o processo de (auto) identidade. Não morrer – se morreremos, permaneceremos belos. Se mudamos e o mundo muda, nos acoplamos com aparatos visuais. Se abrirem nosso caixão, estaremos intactos, em véus e desnudados de




nossos segredos, mas belos, de certa forma, e eternos. A visão macabra da morte, afinal, trouxe a romantização de um eu com extrema complexidade estética. Na fala de Benjamin, moda e morte são, afinal, ” intrínsecas”. (BENJAMIN apud HOZMEISTER, p.97-99, 2010). Neste sentido, a alusão a criaturas não-humanas ou estranhas, ou de grande impacto visual, podem trazer o efeito de religar morte com uma ponte entre sagrado e profano (HOZMEISTER, p.97-99, 2010). O Vampiro não morre : é eterno. Afinal, como diz Edgar Allan Poe, “a morte de uma bela mulher é, incontestavelmente, o tópico mais poético do mundo”. A bela mulher, aqui, é a uma Rainha Vampira, mas há outra Rainha a analisar: a Rainha do Gueto.

5. Sexy Rainha do Gueto: Polêmica, a Rainha ressurge


A Rainha Vampira foi amparada e ladeada por uma gangue de seres-assistentes cenobitas, aludindo ao Cenobyte de Wes Craven, com cabeças alfinetadas, e aos aparatos de sadomasoquismo. A letra sugere que quem vê, ajuda, cede vida e dá espaço e visualização, mas também suga e joga contra. Se a música metaforiza sobre a cultura do julgamento, interação tóxica no meio online e critica o cancelamento, uma das teorias de apoio para a composição musical. O fato é que a celebridade sempre se encontra, afinal, entre vida e morte, ou em uma corda bamba. A alusão ao mundo sexy e ao sadomasoquismo também é presente na próxima indumentária – a Sexy Rainha do Gueto, questionada pelas palavras e posicionamento *Queer* ou *Gay*.

A partir dos esgotos e guetos, a Gloria que alude ao mundo das divas atuais ressurge na figura de uma rainha de meias arrastão e quepe vinilizado, de quadril pronunciado e maquiagem sexy, no estilo que remete, de forma mais dramática, ao makeup já utilizado por Rihanna e Beyoncé em outras produções. No mundo Queer, a palavra queer tende a pesar muito. O jornalista Alexander Cheves lembra que o termo foi entendido muitas vezes como ofensivo. O autor também afirma que passou a ser utilizado para definir pessoas integrantes do modo LGBTQIA+, e sendo utilizado pela cultura, por ela própria, passou a ser libertária e símbolo de si e de seu posicionamento e lugar. Na musica “Gay”. Gloria Groove aponta para o uso ostensivo da palavra Gay como parte de sua posição cultural e lugar justo em sociedade. E avisa : isto te empodera. Criticada e avessa aos comentários, Gloria rebate acusações dentro e fora da cultura



LGBTQUIA+ e diz: “não sou padrão”, em entrevista à Rede TV em 2019. Muitos dizem que as declarações de Gloria fazem parte de sua performance, como uma espécie de planejamento estratégico de seu storytelling. Suas declarações, performances de palco e midiáticas compõe, neste sentido, o design storytelling, na concepção de Lupton (2020) utilizando emoção e construindo dramas e culturalidade., ou seja, além de um posicionamento, há uma performance. Segundo a autoras Amaral e Polivanov, ao citar, na etimologia, a origem francesa da palavra, é possível exercer uma “perspectiva dramática: a cultura é uma arena em que os atores sociais jogam com seus dramas em busca de sentidos para existir. Indivíduos são sujeitos de seus dramas, eles argumentam, contestam, logram, normatizam fazeres culturais”(AMARAL; POLIVANOV, 2018). Este conceito pode nos levar a refletir que se trata, mesmo, de um direcionamento dramático, narrativo e que possui a intenção artística de performance e teatralização do corpo conceitualmente, tendo a noção do discurso de alteridade e de contraste da cantora,

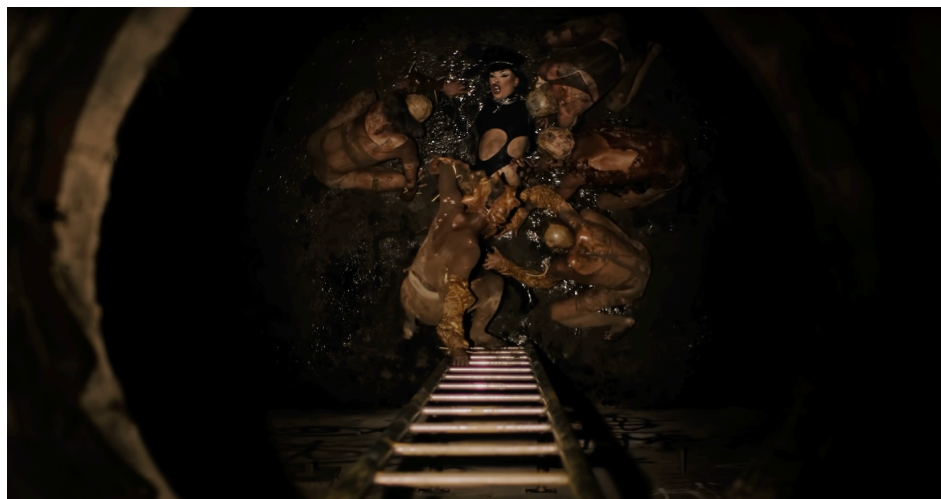
Na literatura de conceituação gótica, a atitude do “não padrão” também é frequentemente associada ao vestuário sexy, que traz alusões ao mundo sadomasoquista, dos clubs underground onde as pessoas podem libertar-se de freios e trazer à tona desejos e pulsões (HAWKINS, 2009). A associação do material vinílico e das meias arrastão ao mundo do Rock nos anos 70, e perpetuado na subcultura atual, tem sido associada por muitos a Rob Halford, vocalista do Judas Priest, que seria fã, usuário das indumentárias de uma loja de Sex Shop na Inglaterra, na qual costumava trabalhar, enquanto se dividia entre o teatro e a música. Halford, autor das letras, dizia se sentir extremamente oprimido pelo governo britânico (MAIA). Ele customizava jaquetas com spikes e metais prateados. A cultura Punk - e subsequentemente, a post punk, com as tribos derivadas, como aquelas pertencentes ao *darkwave* – trouxe as *spikes*, as meias arrastão e os acessórios chamados de radicais ai final dos anos 70 com *self styling* e do it yourself como parte do luxo produtivo e da performance e trazendo a criatividade de Vivienne Westwood como designer de uma era (HOZMEISTER, p. 28-29, 2010). Posteriormente, Jean Paul Gaultier, Mugler, Balenciaga e Alexander McQueen e, no Brasil, Alexandre Herchcovitch trariam ideias de farrapos, redes, rasgos, metais, pedras, corpetes e caveiras em visualidades de “bricolagem cultural-sarcástica”(*idem*). Para o blog Moda de Subculturas, as bandas post punk inglesas, como Siouxsie & the Banshees, têm influência inevitável e inegável no trabalho destes estilistas. A roupa da subcultura gótica traz uma referência a estas bricolagens de estilos e influências que passeiam por literatura, poesia, musica urbana e *nightlife* com estreitamentos culturais e interações com funcionalidades de roupas, tecidos, broches e símbolos, por vezes, de culturas



paralelas ou de diversas culturas e regionalidades. Neste sentido, a indumentária da Rainha aqui estudada tem uma espécie de universalismo cultural, que alude um universo só seu, do corpo em construção em fluidez de gênero e em indumentária sexy em exposição.

No figurino de Gloria, o glamour das divas e a surrealismo de haver também uma fusão de papéis entre boneca do simulacro *fashion*, termo cunhado por Silvana Holzmeister, vemos uma criatura impecavelmente maquiada erguer-se, como Vênus, de um mar. Entretanto, um mar feito das criaturas que se portam como orcs, como seres pútridos e ávidos por carne fresca. Sexy e impossível de macular, Gloria sobrevive. Seu próprio sarcasmo protege e a veda contra possíveis garras. Mais ainda, entende o ser como um ser sexy, um ser que estabelece uma ligação com o corpo que se sabe observado.

Figura 4: Gueto Queen



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BpxrvcYDnf4>

Criaturas grotescas, dentro de um universo fantástico, remontam ao universo fílmico de Guillermo Del Toro. Isto é especialmente observável na arte que divulga o streaming, e nas referências citadas pelo diretor Felipe Sassi. A partir do imaginário já citado de *American Horror Story*, com seu teatro circo de horrores, o diretor utiliza a estética burtonesca de *Beetle Juice – Os Fantasmas se Divertem* e *Noiva Cadáver* como parte formativa do imaginário do filme, além do estilo de bandas emo e *emocore*, como *My Chemical Romance* e do glamour de Lady Gaga. O diretor citou *Evanescence* e *30 Seconds to Mars* como influências próprias, além dos filmes de *Zé do Caixão* e *do Teatro Grand Guignol* para uso de cor e de uma atmosfera criativa presente na direção de arte. O uso em preto e branco para representação de duplas realidades, o diretor cita a atmosfera trazida pelo impacto cultural e cita a “dualidade humana” e a necessidade de aceitação de todos nós como sociedade como trampolim de criação, como um “movimento por mais amor”. Tais conceitos, estranhamente ligados ao Gótico, trazem novamente as questões do Estranho Familiar citado acima, na teoria de arte e estética de Sigmund Freud citada por Holzmeier (er cita como o Estranho Familiar de Freud: “o *unheimiche*, o sinistro ou estranhamente familiar” (2016).

Figura 5: Arte Gráfica





Fonte: <https://portalpopline.com.br/diretor-de-a-queda-felipe-sassi-explica-referencias-e-fala-de-parceria-com-gloria-groove/>

6. Catarse e conclusão: considerações finais

A catarse e o território de dramaticidade artística, caracterizados nos ornamentos, maquiagem, e na atuação que foca no espectador, traz questões de questionamentos de papéis e de julgamentos do olhar alheio, evidenciadas pela troca constante de costumes e de cenários, em uma série de protagonismos em looping, em mutabilidade e volatilidade espetacularizada.

Observou-se, como escolha investigativa, o impacto do videoclipe, lançado em streaming, o teor sombrio e *cheeky* da faixa em suas notas musicais, e suas referências em letra, com menções à literatos e a teorias filosóficas, em meio ao uso das palavras populares e que estão fora do protocolo formal. Há, ainda um senso de sarcasmo, de *mocking*, de ridicularização do processo de estar-se no ar, de ser quem se é, e, ainda, de interagir e sobreviver a um público que, afinal, alimenta o corpo espetacularizado, alimenta o Gloria, e lhe cede glória. Esta atitude também é vista na presença de troca de figurinos, gestos faciais e corporais de três looks de Gloria Groove em seu vídeo clip. Ao sugerir e expor dramas, Gloria nos lembra

que somos indivíduos formados por imagens que vemos e exibimos, memorizamos e remodelamos. Somos construtores e construídos por meio do imaginário que evocamos e divulgamos por meio da moda, da fala e da performance; neste caso, por meio de um vídeo clip em streaming, Gloria expõe drama e ficção em citações multiculturais que a formam, na obra de Felipe Sassi, e com as quais um universo ficcional expõe, talvez, verdades e inquietações; traz provocações e por meio desta alegoria, como dizia Picasso, finge pintar com a arte verdades que se comportam como ficção.

Referências

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 41, p. 63-79, 2018.

CHEVES, Alexander. 9 LGBTQIA+ people explain how they love, hate and understand the word queer. 2019. Disponível em: <https://www.them.us/story/what-does-queer-mean>. Acesso em: 15 jul 2022

GROOVE, G. Gay (Interlúdio). Em: *Letras Música..* Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gloria-groove/gay-interludio/>. Acesso em: 15 jul 2022

GROOVE, G. Entrevista à REDE TV. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=XNLzCfuLNa8>, acesso em 10 ago 2022.

HOLZMEISTER, S. *O estranho na moda*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

HAWKINS, Joan. Resenha crítica de *The Return of the Repressed: Gothic Horror from the Castle of Otranto to Alien*. Nova York: State University of New York Press, 1999. EBSCO, *The Review of Communication*. Acesso em: 2 abr 2009.


JEUDY, Henri-Pierre. O corpo exibido. In *O Corpo como objeto de arte*. São Paulo. Estação Liberdade, p. 109-112, 2002.

KWASS, M. Big Hair: A Wig History of Consumption in Eighteenth-Century France. *The American Historical Review*, Volume 111, Issue 3, June 2006, Pages 631–659. Published: 01 June 2006

<https://doi.org/10.1086/ahr.111.3.631>

Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1086/ahr.111.3.631>. Acesso em: 15 jul 2022

PORTO, J. A. O uso de tipografias baseadas em pixações no design: entre dissenso e consenso. Em: *Anagrama, Portal de Revistas da USP*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/191405>. Acesso em: 10 jun 2022



MAIA, Jr. A Judas Priest. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/biografias/257586-judaspriest.html>. Acesso em 10 jun 2022.

ROCHA, L Diretor de explica referências e parceira com Gloria Groove. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/diretor-de-a-queda-felipe-sassi-explica-referencias-e-fala-de-parceria-com-gloria-groove/>. Acesso em 10 jun 2022.

